

Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

A nurse from the Brazilian Expeditionary Force in the Second World War: the Virgínia Portocarrero archive at Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz

Margarida Maria Rocha Bernardesⁱ

ⁱ Professora, ESG/Ministério da Defesa.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0003-2849-413X
margarida.rb.1502@gmail.com

Sonia Helena da Costa Kaminitzⁱⁱ

ⁱⁱ Professora, DPTD/Unirio.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0001-6029-693X
soniakaminitz@hotmail.com

Laurinda Rosa Macielⁱⁱⁱ

ⁱⁱⁱ Professora, PPGPGPCCS/Fiocruz.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0002-7463-0502
laurinda.maciel@fiocruz.br

Anna Beatriz de Sá Almeida^{iv}

^{iv} Pesquisadora, COC/Fiocruz.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0002-4501-3011
anna-beatriz.almeida@fiocruz.br

Alexandre Barbosa de Oliveira^v

^v Professor, EEAN/UFRJ.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0003-4611-1200
alexbaroli@gmail.com

Fernando Rocha Porto^{vi}

^{vi} Professor, EEAP/Unirio.
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
orcid.org/0000-0002-2880-724X
ramosporto@openlink.com.br

BERNARDES, Margarida Maria Rocha et al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.29, n.2, abr.-jun. 2022, p.531-550.

Resumo

Objetivou-se apontar as potencialidades do Fundo Virgínia Portocarrero, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. O acervo foi doado em vida por sua titular, enfermeira brasileira veterana da Segunda Guerra Mundial. Dessa documentação constam registros de sua formação profissional e acadêmica, e é percebida sua determinação em preservar as reminiscências do *front* de batalha e do período pós-guerra, numa luta simbólica pelo registro de uma história essencialmente feminina em um cenário emblematicamente masculino. Integra o acervo ampla variedade de tipologias de fontes históricas, com destaque para um diário de sua participação no conflito, demonstrando aspectos cotidianos e peculiares de sua atuação profissional na saúde naquele momento dramático da história da humanidade.

Palavras-chave: enfermagem; saúde; Brasil; Segunda Guerra Mundial; história.

Abstract

This study investigates the potential of the Virgínia Portocarrero archive, at Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. It was donated in life by Portocarrero, a Brazilian nurse and Second World War veteran. The documents include records from her education and training and show evidence of a determination to preserve her memories from the frontline and after the war, in a symbolic battle to record an essentially female story in a characteristically male setting. The archive contains a broad variety of types of historical sources, notably a diary on her participation in the conflict, demonstrating everyday and unusual aspects of her work as a health professional at that dramatic time in human history.

Keywords: nursing; health; Brazil; Second World War; history.

Recebido em 19 fev. 2020.

Aprovado em 20 dez. 2020.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702022000200013>



Este artigo destina-se à apresentação do Fundo Virgínia Portocarrero, assim denominado em homenagem à enfermeira veterana da Força Expedicionária Brasileira (FEB), cujas fontes incluem documentos textuais, iconográficos, tridimensionais, eletrônicos e sonoros. O fundo reúne fontes do período de 1917 a 2010, inclusive de sua participação na Segunda Guerra Mundial, no cuidado aos cidadãos soldados nos campos de batalha, na Itália. Tal documentação foi doada em vida pela titular para custódia na Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), cuja missão institucional é a de preservar e valorizar o patrimônio cultural das ciências e da saúde pública brasileira.

Nesse sentido, objetivou-se apontar as potencialidades das fontes desse acervo, uma vez que se articula à presença da mulher brasileira diante do maior conflito da história da humanidade e sua inserção profissional na área da saúde pública. Oportuno lembrar que a historiadora Michelle Perrot (2016) defende a necessidade de se (re)construir a narrativa histórica na perspectiva feminina, o que geralmente tende a ser simbolicamente silenciado em certos cenários, práticas e contextos.

O empenho e a perspectiva da enfermeira em guardar seus registros resultaram em um material peculiar e precioso, especialmente se considerado que as mulheres, em diferentes tempos e lugares, não davam muita importância às suas memórias particulares. Ademais, as fontes privadas tendem a reforçar a desigualdade pela assimetria daquilo que iluminam, além de sublinhar um pouco mais os laços das mulheres com a esfera privada, pois comumente emanam desse ambiente (Perrot, 2016, 2017).

Assim, a voz, a narrativa e a representação feminina sobre as marcas da Segunda Guerra Mundial, por meio do Fundo Virgínia Portocarrero, dão sentido às lutas propriamente simbólicas de mulheres brasileiras para se fazer ver, dar-se a conhecer e a se reconhecer (Bourdieu, 2016). Ademais, os arquivos pessoais são registros históricos que constituem um patrimônio documental, que testemunham e informam fatos ligados à vida familiar e profissional, trazendo dados sobre a vida cotidiana do tempo em que se viveu e da própria personalidade e comportamento (Bellotto, 2006).

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, filha de Tito Portocarrero e Dinah de Niemeyer Portocarrero, nasceu em 23 de outubro de 1917, no Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Maria Imaculada, no Maracanã, e formou-se, em 1936, bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II. Aperfeiçoou-se em Arte Decorativa na Escola Nacional de Engenharia, no largo de São Francisco, e tornou-se desenhista e professora de desenho. Posteriormente, iniciou o Curso de Enfermeiras Samaritanas em Belém (Pará) e o concluiu no Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 1942, quando recebeu o diploma pela Cruz Vermelha Brasileira.

Com um anúncio veiculado pelo jornal *O Globo*, em 9 de outubro de 1943, Virgínia tomou conhecimento do voluntariado de enfermeiras para a Segunda Guerra Mundial e inscreveu-se em um curso de preparação emergencial organizado pelo Exército Brasileiro (EB), específico para as práticas de enfermagem de guerra. Conforme afirma em entrevista gravada pela

COC/Fiocruz, ela reuniu os documentos necessários para a inscrição em sigilo, pois entendia que não teria o apoio da família, caso lhe comunicasse previamente. Quando foi publicado seu nome no jornal aconteceram as reações positivas, mas também contrárias, sobretudo por parte de sua mãe, que ficou extremamente abalada com a decisão. Ela argumentou muito fortemente que a filha não deveria ser mobilizada para a guerra e recorreu ao tio da enfermeira, que era militar de alta patente, para que Virgínia fosse reprovada na etapa do exame médico de seleção. Uma vez reprovada, o pai de Virgínia procurou saber o motivo e, ao descobrir a verdadeira razão, desfez o plano. Assim, ela continuou com o processo de adesão ao voluntariado e de preparo para as ações de enfermagem de guerra.

Alguns meses depois, Virgínia seguiu para o *front* italiano, passando a compor oficialmente os quadros de efetivo do Serviço de Saúde do EB, mas também a demonstrar novas formas de pensar e agir de algumas brasileiras na década de 1940. Com efeito, a novidade de inclusão de mulheres no campo militar vinha na contramarcha dos discursos de alguns líderes das Forças Armadas na época, que entendiam que tal medida poderia tornar declinante a representação social construída em torno do valor simbólico do militarismo no país (Oliveira et al., 2017).

Não obstante, em 7 de junho de 1944, ela seguiu de avião com outras quatro enfermeiras no destacamento precursor de saúde da FEB, chegando a Nápoles no dia 15 de junho. Lá prestou os primeiros cuidados aos brasileiros que chegavam ao Teatro de Operações Italiano e passou a servir nos hospitais de evacuação em Nápoles, Tarquinia, Ardenza, Cecina (S. Luce), Pisa, Pistoia, Parola e Corvella (Bernardes et al., 2004).

Desse modo, Virgínia Portocarrero passou a integrar o primeiro grupamento feminino de Enfermagem do EB, que contou com o total de 67 mulheres voluntárias oriundas de diversas partes do país. Nunca antes o Brasil havia incorporado oficialmente mulheres nas Forças Armadas, o que aconteceu por pressão dos EUA, quando o governo Vargas passou a organizar a FEB, em função das articulações de declaração de guerra e de apoio político àquele país (Bernardes et al., 2019).

Essas voluntárias pertenciam a diversas camadas sociais e possuíam distintas motivações para participar do conflito. Embora se reconheça o senso patriótico do grupo, a possibilidade de um emprego remunerado e reconhecido socialmente é um forte indicativo de ruptura com o modelo social feminino vigente na época, o que em parte pode explicar o seu alistamento voluntário (Bernardes, Lopes, 2007; Cytrynowicz, 2000).

Trata-se de um grupo que estava em busca de profissionalização, com a anuência das políticas propostas na Era Vargas (1930-1945) e estabelecidas na Constituição Federal de 1934, voltadas para a reorganização do trabalho, da família, da educação e da saúde e que, de certo modo, favoreceram a aparição pública das mulheres, permitindo o avanço da conquista feminina, na medida em que propiciou a elas que fossem inscritas aos poucos na dinâmica das mudanças sociais, políticas, sanitárias e culturais do país (Oliveira et al., 2009; Kaminitz, Porto, 2020).

O trabalho empreendido pelas enfermeiras da FEB no cotidiano de operações de guerra incluiu diversas situações complexas, desde o cuidado emergencial a pacientes críticos a mudanças de lugar dos hospitais de campanha, posto que a Segunda Guerra Mundial produziu diversas mobilidades geográficas em função das estratégias bélicas, e o Serviço de Saúde acompanhava tais mobilidades das tropas (Bernardes et al., 2005).

Com o término do conflito, Virgínia Portocarrero retornou da Itália para o Brasil em 11 de julho de 1945 e foi desligada pelo EB, assim como todas as outras enfermeiras que, em geral, regressaram aos antigos empregos ou às rotinas domésticas anteriores. Tal fato gerou grande insatisfação e frustração, como se pode constatar em seu diário, que expressa tristeza e descontentamento pela falta de reconhecimento ao trabalho executado no decorrer da guerra, demonstrando o desinteresse de lideranças do EB na época em manter em seus quadros oficiais do sexo feminino em tempo de paz (Oliveira et al., 2009).

Após o retorno ao Brasil, ela seguiu sua vida profissional como desenhista, sua antiga formação, e trabalhou no recém-criado Instituto Brasileiro do Café até a promulgação da lei federal n.3.160/1957. Com esse dispositivo legal, as enfermeiras que atuaram na guerra por meio da FEB tornaram-se as primeiras enfermeiras militares do país oficialmente mobilizadas em tempo de paz, quando passaram a gozar dos direitos e vantagens inerentes aos oficiais da ativa. Para tanto, uma série de estratégias foi desenvolvida pelas enfermeiras veteranas em diversos campos, especialmente no político (Oliveira et al., 2017).

A partir dessa lei, que foi publicada 12 anos após o término da Segunda Guerra Mundial, Virgínia Portocarrero e outras 43 enfermeiras veteranas foram reincluídas no serviço ativo do EB, quando passaram a atuar como oficiais em diversas organizações militares do país. As outras 23 não se apresentaram ou já estavam reformadas por incapacidade adquirida na guerra (Oliveira, 2010).

Na ocasião, Virgínia passou a servir na Policlínica Central do Exército (atual Policlínica Militar do Rio de Janeiro), no Centro da cidade do Rio de Janeiro, até sua passagem para a reserva remunerada (aposentadoria), quando foi reformada no posto de capitão. Ela também participou ativamente da Associação de Veteranos da FEB, na qualidade de membro nato do Conselho Deliberativo, e como administradora do Mausoléu e do Ossuário dos Veteranos da FEB, nos cemitérios do Caju e de São João Batista. Com efeito, nos termos de Michelle Perrot (2016), geralmente cabe às mulheres a atenção aos idosos, o culto aos mortos e o cuidado com as tumbas, o que as incumbe de velar pela manutenção das sepulturas dos guerreiros homens.

Dentre as diversas homenagens recebidas pela enfermeira destaca-se a condecoração com a medalha de Campanha concedida pela FEB em outubro de 1945, por ter participado de operações de guerra na Itália, sem nota desabonadora. Em 1946, recebeu a medalha de Guerra concedida pelo EB, por ter cooperado no esforço de guerra do Brasil (Oliveira, 2007).

Já em 2017, recebeu a medalha do Pacificador pelo EB, e, em abril de 2018, foi homenageada em cerimônia organizada pela pesquisadora Margarida Bernardes no Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, por ocasião das comemorações de seu centenário de vida, quando foi agraciada pela Casa da FEB com a medalha Serviço de Saúde, e também pelo Colégio Pedro II, recebendo o título de Aluna Emérita. Sua importância para o campo da enfermagem brasileira foi reiterada por meio do recebimento da medalha da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Em junho de 2018, recebeu o prêmio Anna Nery, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e, em 6 de dezembro de 2019, Virgínia recebeu, da Academia Brasileira de Medicina Militar, a medalha Marechal Marques Porto.

O processo de organização do acervo

Virgínia Portocarrero teve a preocupação de resguardar as memórias do cotidiano de guerra ao fazer, sistematicamente, anotações manuscritas, datilografadas ou por meio de desenhos e fotografias, que ilustraram aspectos de seu trabalho no *front*. Nesses documentos estão registradas suas práticas e representações sobre a atuação como enfermeira e outras experiências públicas e privadas, que permitem aos pesquisadores impressões sobre as ações de saúde desenvolvidas na Segunda Guerra Mundial. Esse é o cenário no qual se dá sua narrativa, testemunho repleto de curiosos episódios no cuidado com o outro, sejam soldados de tropas amigas ou inimigas.

Propositalmente ou não, Virgínia Portocarrero oportuniza dados históricos relevantes a quem não viveu tal experiência e narra com intensidade os dramas de guerra, superando as dificuldades de comunicação inerentes ao contexto por meio de algumas estratégias. Uma delas foi narrada pela própria e refere-se à orientação de seu pai para remeter suas cartas, algumas folhas de seu diário, fotografias e outros materiais pelos correios e também pelos soldados que retornavam para o Brasil, por motivos de doença que os incapacitasse para o combate. Assim, o pai cuidou de suas correspondências pessoais e de suas anotações que deram corpo ao seu diário de guerra.

Apesar de todo o esforço pessoal e de seus familiares para reunir e guardar os documentos, houve uma fragmentação significativa deles, pois parte do que foi enviado pelos correios foi extraviada. Ademais, no período da guerra havia censura, pelos meios de repressão à comunicação, de temas que se apresentavam sensíveis, empreendida, sobretudo, pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, que controlava o conteúdo midiático que seria reproduzido em território nacional, incluindo material impresso (jornais, livros), espetáculos (musicais, peças de teatro, cinema) ou músicas (Luca, 2011).

Após sua chegada ao Brasil com o término da guerra, os escritos lhes foram entregues, e, com o avançar do tempo, ela passou a acrescentar outros documentos referentes às suas atividades no pós-guerra, como a função de desenhista, como oficial enfermeira e os trabalhos junto às associações de ex-combatentes, por exemplo. Nesse sentido, seus escritos mostram não somente a vida cotidiana no *front* da batalha, mas também situações que fazem parte da vivência e do cotidiano feminino da época, com observações sobre os hábitos, os costumes e o mercado de trabalho, entre outros aspectos.

Ressalte-se que, na década de 1940, a trajetória profissional era configurada por um modelo social que priorizava a atuação masculina, o que torna essas fontes relevantes para a história e memória das mulheres no Brasil e para maior compreensão dos esquemas de dominação sofridos por elas. Além disso, essa documentação agrega um acervo de imagens fotográficas e desenhos que demonstram aspectos específicos da assistência prestada aos soldados feridos em combate, práticas de terapia ocupacional, cenas dos hospitais de campanha, indumentárias e tecnologias de cuidado em saúde, entre outros.

Trajétória arquivística da documentação

Em evento realizado em 2007, na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Unirio, foi apresentado o filme documentário *O grupamento feminino de enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a 2ª Guerra Mundial: uma abordagem sob o olhar fotográfico (1942-1945)* (O grupamento feminino..., 2004). Encontrava-se presente no referido evento a enfermeira Virgínia Portocarrero, acompanhada da enfermeira Margarida Rocha Bernardes, autora do filme. No mesmo evento aconteceu uma mesa-redonda sobre o tema “Fontes, memória e história da saúde e da enfermagem”, que contou com a participação da historiadora Anna Beatriz de Sá Almeida, pesquisadora da COC/Fiocruz, junto a outros palestrantes. A enfermeira Virgínia Portocarrero manifestou seu apreço em relação à apresentação feita sobre o papel da COC/Fiocruz e seus acervos. Ao final do evento, ambas conversaram com Anna Beatriz Almeida acerca da possibilidade de doação do arquivo pessoal de Virgínia Portocarrero, mantido na época em sua residência.

Essa documentação encontrava-se vulnerável pela ação do tempo e pelo modo de acondicionamento, que não a abrigava dos efeitos de umidade, calor e poeira. Além disso, houve perdas ao longo dos anos devido aos empréstimos de documentos desse conjunto a vários pesquisadores, sem que houvesse a devolução dos documentos originais. Nesse sentido é sempre importante lembrar que um arquivo institucionalizado, ou seja, armazenado em uma instituição que vai abrigá-lo, protegê-lo e se responsabilizar por sua preservação e divulgação, é uma opção sustentável e democrática, pois, a princípio, tende a conferir maior segurança e o coloca como um bem público e aberto a todos os interessados em seu conteúdo (Nedel, 2013).

Após conhecer o trabalho realizado no Departamento de Arquivo e Documentação (DAD), da COC, com a preservação da memória e divulgação das ciências por meio de documentos textuais, manuscritos, filmes, fotografias e depoimentos de história oral, Virgínia Portocarrero decidiu fazer a doação de seu arquivo pessoal a essa unidade técnico-científica da Fiocruz. A titular entendeu que se tratava de uma instituição com trabalho já realizado na área e resultados reconhecidamente positivos em prol da preservação da memória da saúde pública no Brasil.

A documentação foi então enviada ao DAD em 14 de março de 2008, e, em março de 2010, uma nova remessa de documentos foi acrescentada ao fundo. Foi assinado um termo de doação oficializando essa ação em 29 de março de 2010, com a publicação no *Diário Oficial da União* em 27 de abril do mesmo ano. Com a formalização da incorporação do arquivo pessoal ao DAD, ele passou a fazer parte do patrimônio documental da saúde pertencente ao acervo da Fiocruz; logo após, iniciou-se seu processo de organização com as etapas de higienização, acondicionamento e identificação.

Em entrevista com Virgínia Portocarrero, realizada em março de 2008, foi possível recuperar o contexto de acumulação e produção dos documentos e registrar, com sua própria voz, a narrativa a respeito de sua trajetória profissional e familiar. Além disso, pôde-se compreender como se deu a formação da documentação sonora pertencente a esse arquivo, uma vez que possui 16 fitas cassetes que apresentam sua vivência na Itália como enfermeira da FEB, impressões a respeito da guerra e outras observações sobre sua trajetória

profissional (Maciel, Borges, 2012). A produção dessa documentação sonora se deu após o retorno de Virgínia ao Brasil, já que as gravações em áudio se popularizaram a partir dos anos 1950, embora o equipamento de gravação tenha sido inventado no final do século XIX. Esse material sonoro, cujo suporte inicial era analógico, foi digitalizado e encontra-se igualmente preservado, conforme normas padronizadas de organização documental.

Conteúdo documental

A organização do Fundo Virgínia Portocarrero segue a padronização utilizada para a documentação que integra o acervo permanente da COC. Essa tipologia de organização dos arquivos pessoais permite a criação de categorias classificatórias funcionais. Para o referido fundo, as categorias classificatórias foram definidas a partir da identificação das funções desempenhadas pela titular do arquivo, sendo estruturadas em: Vida pessoal; Formação profissional e acadêmica; Atuação profissional; e Administração da carreira. Cada um dos dossiês foi organizado a partir da reunião de documentos, de acordo com suas características tipológicas ou de acordo com as atividades relativas a cada função (Maciel, Borges, 2012).

A documentação textual encontra-se organizada em seis caixas do tipo box, que contém 0,84 metro linear com mais de quinhentos itens. Destaca-se uma preciosa documentação iconográfica constituída de 351 fotografias, a maioria das quais retrata as atividades profissionais da titular, com algumas imagens que estavam coladas nas páginas do seu diário de guerra. Além dessas imagens, tem-se uma profusão de desenhos e registros variados que exemplificam sua trajetória na área de artes decorativas. Em anexo, encontra-se inserido um “Caderno de imagens”, com alguns exemplos dessa rica documentação.

Ao acessar a Base Arch, que descreve a documentação do Departamento de Arquivo e Documentação da COC/Fiocruz, é possível conhecer a organização dada a esse arquivo pessoal no endereço eletrônico <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/virginia-portocarrero>.

Abaixo estão apresentados quadros com o conteúdo dos quatro grupos de documentos e seus respectivos dossiês.

Quadro 1: Vida pessoal

Dossiê 1	Periódicos	Dossiê 12	Diplomas
Dossiê 2	Cartões	Dossiê 13	Ilustrações
Dossiê 3	Cartas	Dossiê 14	Bilhetes
Dossiê 4	Telegramas	Dossiê 15	Certificados
Dossiê 5	Fotografias	Dossiê 16	Fotocópias
Dossiê 6	Recortes de jornais	Dossiê 17	Obituário
Dossiê 7	Poemas	Dossiê 18	Recibos
Dossiê 8	Prospectos	Dossiê 19	Cópias de folhetos
Dossiê 9	Folhetos	Dossiê 20	Folhas de identificação
Dossiê 10	Atestados	Dossiê 21	Folhas secas
Dossiê 11	Convites	Dossiê 22	Listas

Quadro 2: Formação profissional e acadêmica

Dossiê 1	Aluna do Curso de Extensão Universitária de Aperfeiçoamento de Arte Decorativa
Dossiê 2	Aluna do Curso de Enfermeira Samaritana da Cruz Vermelha Brasileira
Dossiê 3	Aluna do Curso de Enfermeiras de Emergência da Reserva do Exército (CEER-Ex)
Dossiê 4	Aluna dos cursos de Relações Públicas e de Pós-graduação em Higiene da Alimentação

Quadro 3: Atuação profissional

Dossiê 1	Ilustradora
Dossiê 2	Funcionária da Farmácia Central do Exército
Dossiê 3	Enfermeira Reformada do Exército (FEB)
Dossiê 4	Funcionária do Departamento de Saúde Escolar do Distrito Federal
Dossiê 5	Funcionária da Policlínica Central do Exército
Dossiê 6	Enfermeira da FEB

Quadro 4: Administração da carreira

Dossiê 1	Participação em concursos
Dossiê 2	Organização de palestras
Dossiê 3	Preparação para a aposentadoria
Dossiê 4	Participação em eventos e homenagens
Dossiê 5	Sistematização da trajetória
Dossiê 6	Produção de textos da titular
Dossiê 7	Colaboração em trabalhos acadêmicos: v.1: Documentos reunidos por Alexandre Barbosa de Oliveira para a dissertação de mestrado v.2: Documentos reunidos por Margarida Maria da Rocha Bernardes para a dissertação de mestrado

Potencialidades das fontes

Com base na documentação do Fundo Virgínia Portocarrero foram produzidos três filmes documentários sobre sua trajetória: *Virgínia Maria Niemeyer Portocarrero, enfermeira da FEB na Itália* (Virgínia Maria..., 2013), *A enfermeira que cuidou dos heróis da II Guerra Mundial* (A enfermeira..., 2018) e *Virgínia: uma enfermeira brasileira na Segunda Guerra Mundial* (Virgínia...,

2018). Dois outros filmes também foram produzidos sobre a FEB: *Que falta que me fez* (Que falta... 2014) e *Liberatori: a FEB pelos italianos* (Liberatori..., 2018).

Além desses materiais audiovisuais, foi possível a escrita de uma tese de doutorado, *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão ao Serviço Militar Ativo do Exército* (Oliveira, 2010), além de três livros, *Longa jornada com a FEB na Itália* e *Vozes da guerra*, ambos de Sirio Sebastião Fröhlich (2012, 2015), e *Práticas e representações fotográficas do Serviço de Saúde brasileiro na II Guerra Mundial*, de Daniel Mata Roque, Margarida Maria Rocha Bernardes, Alexandre Barbosa de Oliveira e Israel Blajberg (Roque et al., 2019).

Esse acervo também foi utilizado para completar a produção da exposição itinerante “Imagens do caos”, que foi apresentada em diferentes ocasiões, como na comemoração pelo Dia do Soldado, em 25 de agosto de 2017; na mesa-redonda “II Guerra Mundial: cuidados e estratégias”, no Hospital Central do Exército; na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Unirio; no segundo Congresso Brasileiro de Redução de Risco de Desastres, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro; e no Panteão do Memorial aos ex-combatentes, da Segunda Guerra Mundial – Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial.

Para as homenagens recebidas por seu centenário, o acervo foi de utilidade para o reconhecimento de feitos no conflito internacional e também serviu de material comprobatório para montar o processo acadêmico para a concessão, em 2020, do título de doutora *honoris causa* a Virgínia Portocarrero pela Unirio.

Portanto, a importância do fundo e de suas fontes históricas está no fato de resgatar relações sociais, profissionais e culturais, tornando-as visíveis, na medida em que refletem e documentam a estética de vida, ressaltando em minúcias e com exatidão, corpos e roupas, objetos e símbolos, lutas e conquistas, identidades e *habitus*, história e memória. Desse modo, consolidam narrativas e discursos, pessoais, grupais ou institucionais, podendo funcionar como bem simbólico que materializa, mas que também eterniza a trajetória de personagens e circunstâncias de sua existência no mundo social.

Caderno de imagens

Neste “Caderno de imagens”, são apresentados alguns documentos que integram o Fundo Virgínia Portocarrero, com o propósito de demonstrar sua diversidade, preciosidade e potencialidade. Para tal, foram selecionados desenhos, fotografias e correspondências, com potencial de ser incorporados em estudos da área das ciências sociais e da saúde. Em geral, esses documentos retratam cenas do cotidiano de guerra, o trabalho das enfermeiras nas rotinas de cuidado nos hospitais de campanha, os sentimentos e percepções da enfermeira Virgínia, inclusive os agradecimentos dos pacientes pela assistência por ela prestada.

A bandeira do Brasil que ficou exposta nos locais em que a enfermeira Virgínia Portocarrero serviu foi inspiração para o enfrentamento do trabalho de assistência cotidiana aos soldados feridos no *front*. A enfermeira fez da bandeira brasileira um emblema para promover positividade no enfrentamento dos momentos difíceis, ao tempo em que essa representação endossava o discurso patriótico.

No diário de guerra de Virgínia Portocarrero consta um episódio de incêndio em um hospital de campanha e o esforço demandado para salvar a vida dos soldados moribundos, feridos e mutilados, que lá estavam baixados. Seus registros cotidianos se tornaram um lugar de memória de mulher que cuidava e consolava, que se dedicava às tarefas humanitárias e de socorro em um ambiente inóspito de um conflito bélico internacional.

Nas Figuras 3 e 4, tem-se uma correspondência da enfermeira Virgínia Portocarrero, que relata a seus familiares a rotina dos hospitais e dos cuidados aos pacientes feridos em conflito na Itália. Em geral, suas cartas abordam aspectos da rotina dos hospitais, dos cuidados e tecnologias em saúde utilizadas, seus sentimentos e percepções sobre os sofrimentos enfrentados durante o conflito e, nas entrelinhas, as marcas das formas de dominação masculina no campo militar.

Na Figura 5 tem-se a carta de agradecimento do sargento Virgolino, que foi ferido, capturado pelos soldados alemães, e que recebeu cuidados de enfermeiras alemãs. Na carta datada de 26 de fevereiro de 1945, Virgolino agradece à enfermeira Virgínia Portocarrero o seu atendimento e descreve os cuidados recebidos na relação terapêutica estabelecida não apenas com ela, mas também com as enfermeiras alemãs.

Na Figura 6 está um poema – que se encontra no vídeo *Virgínia Maria* (2013) – dedicado à enfermeira Virgínia, escrito pelo sargento Torres, que evoca as características que circundavam a atuação das enfermeiras no *front*, além de proferir alguns valores (estereótipos) relativos ao altruísmo envolvido na prática social de enfermagem. A própria dedicatória reforça o que diz o poema, pois as enfermeiras da FEB “encarnaram” nos hospitais dos campos de batalha o papel de mães, de irmãs, de esposas, enfim, de símbolos imagéticos que representam as que nutrem e cuidam dos filhos, dos irmãos, e dos esposos durante a guerra. Assim, os soldados do Brasil encontraram nas “suas” enfermeiras o carinho e a solicitude que, de modo figurado, compensavam a ausência do lar (Oliveira, 2007).

As Figuras 7 a 9 mostram dois croquis e um recorte de jornal, que tratam do processo de criação do uniforme das enfermeiras da FEB em sua reinclusão ao Serviço Militar Ativo do Exército, em 1957 (Oliveira, 2010). Vale ressaltar que, em 2018, essas imagens foram referência para auxiliar no processo de materialização do uniforme histórico feminino feito pelo Hospital Central do Exército, utilizado por enfermeiras do EB, como forma de homenagear a enfermeira veterana Virgínia Portocarrero, durante o evento que marcou as comemorações de seu centenário de vida.

A Figura 10 mostra outro material original que integra esse fundo e reflete um produto da trajetória profissional de Virgínia Portocarrero no campo das artes decorativas. Trata-se de um desenho com o nome “Virgínia”. Esta imagem foi utilizada para o *layout* do documentário *Virgínia: uma enfermeira brasileira na Segunda Guerra Mundial* (Oliveira et al., 2018), como se pode observar na Figura 11.



Figura 1: Bandeira do Brasil em lona (BR RJ COC VP.03.06.V01.001. F033; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)



Figura 2: Incêndio nas enfermarias (BR RJ COC VP.03.06.V01.001. F184; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)

Italy 34-111-989

Meus papais.
 Saudades, muitíssimas.
 Quasi meia noite eu de serviço depois de terminar os meus curati-
 vos e graças ao bom Deus todos os meus amigos dormem,
 sentindo na beira da cama de um arretido ou vigiando.
 Ah! o pulso envio o meu pensamento para vocês.
 Assim meus dois amores a sua filhinha rompem o ano
 de 45. Vocês embora avassalados pela dor da saudade que eu
 também sinto em profuso desejo de orgulhar deste momento
 que para mim tem sido tão diverso nos outros anos, quando
 do junto, tocávamos nossos votos, desejos sinceros e amigos.
 Em pensamento meus queridos sei que estão todinha com
 vocês e com o meu maninho adorado. Beijo-os tanto e
 tanto com a minha imensa saudade. Felizmente tenho
 amigos sinceros que pessoalmente me vieram dar os bons
 votos e desejos. Interrompi aqui um pouquinho a minha carta
 pois o meu grande amigo major Ernesto me veio chamar para
 ir até a minha tenda onde bom as minhas 3 amigas tocamos
 nossos votos pelos nossos ausentes. Beiji muito o retrato de
 vocês todos, e retornei ao meu serviço para aplicar a periclitia
 Hoje aqui está em festa porém graças ao meu plantão,
 fiquei dispensada da mesma.
 O no hoje dia 3 continuo esta carta principiada no ano pass-
 do. Está bem tratada pois arranha o meu maior amigo aqui
 inmensamente o bastamento deste bom amigo, chefe leal,
 distinto e educado. Competentíssimo cirurgião, sempre sem
 me me orientou desde que do Rio sou e já o estimo co-
 mo se fora um parente muito querido. Enfim, mede
 mos de assunto, pois me separei de vocês e vivo desta
 saudade....
 Há dias que estou para escrever porém o tempo me é
 por demais escasso. Faço plantão de 15 em 15 dias e
 bastante movimentado; o que me causa por demais e não
 sinto coragem de escrever. Responderei entretanto a to-
 dos que me escreverem porém com tempo. Explicarei
 a todos a causa da demora e espero receber o perdão.
 Cyano com certeza já está com vocês, não é verdade? e
 o meu Carlos Alberto lindo? Também muita coisa do papa
 Noel. No 1º postador enviarei para vocês algumas fotos
 das italianas. Contem compeei uma linda Bonica
 e grande e loura miste com os olhinhos do
 dia normal. Parece que estão ficando clóides, nota

Figura 3: Carta (folha 1), 31 dez. 1944 (BR RJ COC VP.01.03.051; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)

essa idade, comprando boneca? por um archivo tão
 linda que não resisti. Não sei como fazer quando
 houver retiradas bruscas. Ela é grande e não cabe
 na mala, mas é linda, nunca vi uma mais bonita.
 Mudando agora de assunto, Maudie nada me
 entregou do que vocês me mandaram.
 Dizell haver posto em um caixa que ainda não
 recebeu. Fiquei bem triste pois é tão bom receber as
 encomendas quando estamos longe. Recebi da Legião
 Brasileira e do Posto de Cruz Vermelha. Também dei
 de leite que a mamoaquinha me mandou. Não dei
 a Camélia porque está tem me amargurado
 os dias. Sinto não poder contar a vocês meus
 queridos o que ela me tem feito passar. Enfim
 terá dias em que poderei abrir o meu cora-
 ção com vocês e contar ponto por ponto os deta-
 lhes mais íntimos que comigo se passaram.
 Enfim não se impressionem pois nada me
 tem atingido e continuo vivendo a vida que vocês
 souberam e podem ter orgulho de como orientá-
 dores e experimentados me guiaram sempre.
 Eu agradeço a maneira meus queridos como vo-
 cês humilharam o meu carácter e assim vivo
 os meus dias na maior paz de espírito e
 confiante no meu futuro.
 Vim aqui para espalhar o bem com os meus
 soldados e isto tenho feito. Adquiro assim ótimos
 amigos e sei me impor no meio deles com
 dignidade. Muito e muito obrigado, foi o maior
 legado que vocês me puderam dar.
 Com os meus mais saudosos beijos
 A fillunbra que os adora
 Virginia

BR RJ COC VP.01.03.051 F-2/a

Figura 4: Carta (folha 2), 31 dez. 1944 (BR RJ COC VP.01.03.051; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)

26-02-45 ← 891

Pistoia - Italia Enfermeira 3 de Cirurgia 48

Tenente, de quando em vez morrem na cabeça o tempo em que eu fui prisioneiro dos alemães.

A senhora faz um bom tratamento a estes feridos que são na guerra os nossos inimigos. Este artigo que saiu hoje no jornal do hospital tem a razão de cigarros dos brasileiros, me fez pensar provavelmente, e quando vejo a senhora distribuir a sua caçota, porque a senhora não fuma e por isto mesmo sendo ela, é uma coisa bonita, quando a senhora coloca aquela caixa de papalho lá no fundo da enfermeira e as docas da Guarda da enfermeira e alto falou com os seus amigos dando a notícia para a senhora como falou no meu intimo.

A senhora disse: Vocês não deem os seus cigarros para os alemães, pois a notícia americana que o brasileiro que isto fazer vai perder o direito de ficar na mente de cigarro. Eu não fumo então abri o cigarro que vocês quiserem dar nos alemães né? porque eu sei. Que bem se dá este gesto e condizem com uma notícia tão boa e tão justa. A senhora e enfermeira de bondade, este respeito ao seu coração a profissão que a senhora deixou para Deus que ele fez enfermeira.

Eu fui prisioneiro dos alemães e estive também hospitalizado; os enfermeiros alemães me trataram muito bem e os médicos também. É verdade que não havia hospital tão bom como este aqui. Porém calor humano e hospitalidade estive.

Tenente quando a comida era pouca eu me lembro, senhora faz uma batata. Eu aprendi a apreciar a maneira dos alemães de fazer batata. A senhora continue dando sal e tratamento igual em sua enfermeira.

Eu como brasileiro me orgulho da senhora, anjo da caridade do meu Brasil.

Eu agradeço o tratamento que recebi dos alemães, com aquela da maneira piedosa e eficiente que a senhora nos trata e obrigada por ter vindo para guerra, cumprindo a sua missão com tanta eficiência e dando a nós brasileiros esta garantia de estarmos sendo atendidos com toda a competência e não deixando ninguém, tratando a todos com todo o cuidado que se pode dar em um hospital.

Obrigada Tenente Virgínia, desculpe a letra; estou crescendo há dias, estas palavras a senhora como enfermeira, muito marcadas.

Estou muito grata a senhora, desculpe a letra; estou crescendo há dias, estas palavras a senhora como enfermeira, muito marcadas.

Deus abençoe suas mãos e sua empresa sua senhora de paz e reconhecimento.

Abençoe Tenente Virgínia. Deus a guarde, aguarde e conserve a sua bondade.

Sargento Virgílio
Regimento Sampaio
19. RI

Figura 5: Carta, 26 fev. 1945 (BR RJ COC VP.03.06.V01.001. F184; Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, Rio de Janeiro)

- Oxaltaco - 75 85

Enfermeira do Brasil - eu agradeço
 Et tua solicitude e o teu carinho!
 E, ajoelhado aos pés da Virgem, feço
 Louva de flores, tapetize o teu caminho.

Tua infinita bondade, nunca esqueço,
 Et, ao ver-te consolar quem tão sozinho
 Teo, de guerra enfrentar' nesses tempos
 Deixando o lar, a esposa e o filho...

Com nossos corações que sangram fundo,
 Et, ao contemplar' o exteitor do mundo
 Teu, se torce em convulsões e anéis mil,

Existe um pedestal feito de ar
 Onde já foi colocado seu tesouro...

- Melike Lulline - Enfermeira do Brasil!
 Et Expedicionária imaculada
 sentou-se Virgem Portocarrero com
 toda a amizade e admiração
 de Stracy Torres
 15th Gen Hosp. - Pistoia 31-III-45.

BR RJ COC VP.01.07.001

Figura 6: Poema dedicado a Virgínia Portocarrero (BR RJ COC VP 01.07.001; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)

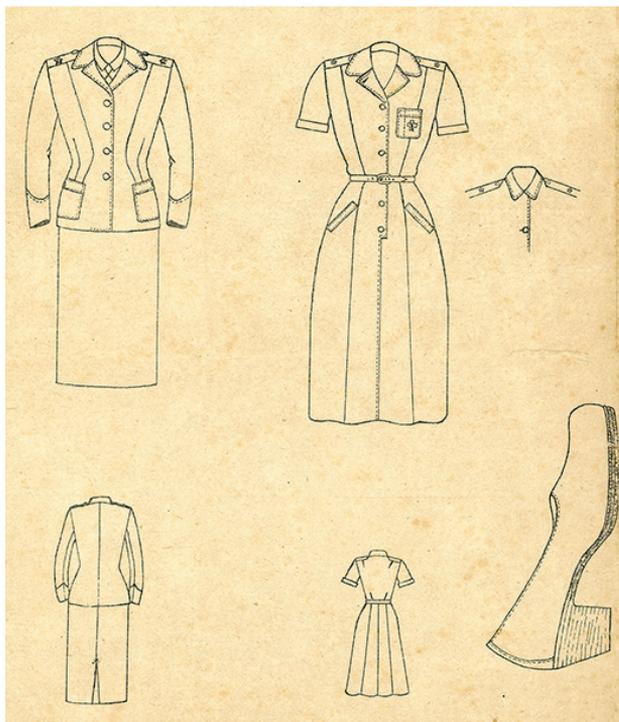


Figura 7: Croqui dos uniformes das enfermeiras da FEB, 1957 (BR RJ COC VP 03.06. V01.001.F031A; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)

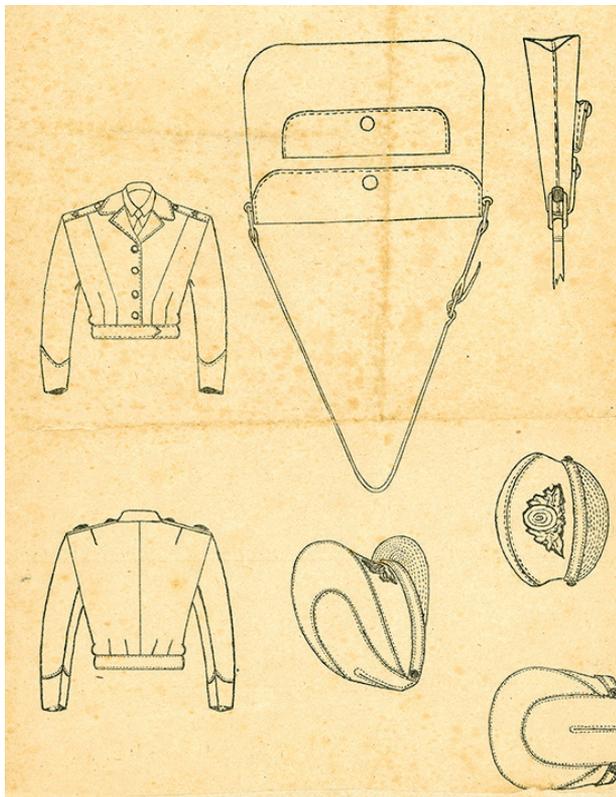


Figura 8: Croqui de complementos dos uniformes para as enfermeiras da FEB, 1957 (BR RJ COC VP 03.06.V01.001.F031B; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)



Figura 9: Recorte de jornal alusivo aos uniformes das enfermeiras da FEB, 1957 (BR RJ COC VP 03.03.014; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)



Figura 10: Desenho de Virgínia Portocarrero (BR RJ COC VP 03.03.005; Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro)



Figura 11: Identidade visual para o documentário *Virgínia: uma enfermeira brasileira na Segunda Guerra Mundial* (Oliveira et al., 2018)

Considerações finais

Os documentos que integram o Fundo Virgínia Portocarrero revelam o universo da guerra a partir do olhar desta enfermeira. Virgínia Portocarrero representa o engajamento de uma mulher em possibilitar a construção, por meio do seu acervo, de narrativas que ressaltem o papel das mulheres brasileiras na Segunda Guerra Mundial, justamente em um contexto em que as mulheres pouco aparecem, o das guerras.

As fontes reunidas nesse fundo são exemplares raros e emblemáticos, especialmente se considerado que os procedimentos que definem o que deve ser perpetuado são derivados de uma seleção, que geralmente tende a privilegiar a memória oficial, domínio de intervenção do poder e das forças de reprodução e de produção de capitais.

Além de ideias, objetos, imagens, sons e textos, os registros de Virgínia possuem o efeito de demonstrar as práticas de uma memória feminina sensível, que trata de cuidado e de socorro, mas também de resistência e vontade de (co)existir, e aponta para o desenvolvimento de múltiplos objetos de estudo.

REFERÊNCIAS

A ENFERMEIRA *que cuidou dos heróis da II Guerra Mundial*. Direção: Margarida Maria Rocha Bernardes; Fernando Rocha Porto. Brasil: Pátria

Filmes, 2018. (19min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtKeSjGSab8>. Acesso em: 15 set. 2020.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Gertrudes Teixeira. As enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front italiano. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.41, n.3, p.447-453, 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342007000300015&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 10 set. 2020.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha et al. Uniformes de enfermeiras do Exército Brasileiro: identidade visual na II Guerra Mundial. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v.72, n.1, p.111-117, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000100111&lng=pt. Acesso em: 1 set. 2020.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha et al. O cotidiano das enfermeiras do Exército na Força Expedicionária Brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). *Revista Latino-americana de Enfermagem*, v.13, n.3, p.314-321, 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000300005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 1 set. 2020.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha et al. As enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira: a criação de um 'habitus' militar na II Guerra Mundial. *Escola Anna Nery*, v.8, n.3, p.370-377, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127718062007>. Acesso em: 1 set. 2020.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2016.

CYTRYNOWICZ, Roney. A serviço da pátria: a mobilização das enfermeiras no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v.7, n.1, p.73-91, 2000.

FRÖHLICH, Sírio Sebastião. *Vozes da guerra*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2015.

FRÖHLICH, Sírio Sebastião. *Longa jornada com a FEB na Itália*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2012.

KAMINITZ, Sonia; PORTO, Fernando (org.). *Reconsiderações sobre a assinatura imagética da primeira escola de enfermagem do Brasil*. Curitiba: Appris, 2020.

LIBERATORI: *a FEB vista pelos italianos*. Direção: Sírio Sebastião Fröhlich. Brasil: Centro de Comunicação Social do Exército, 2018. (49min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=osMO9d77ZtI>. Acesso em: 15 set. 2020.

LUCA, Tania Regina de. The production of the Press and Propaganda Department (DIP) in US collections: a case study. *Revista Brasileira de História*, v.31, n.61, p.271-296, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882011000100014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2020.

MACIEL, Laurinda Rosa; BORGES, Renata Silva. Metodologia de organização de arquivos pessoais: o Fundo Virgínia Portocarrero Maria Niemeyer Portocarrero, enfermeira da FEB. In: Silva, Maria Celina Soares de Mello e; Santos, Paulo Roberto Elian dos (org.). *Arquivos pessoais: história, preservação e memória da ciência*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2012. p.113-136.

NEDEL, Letícia Borges. Da sala de jantar à sala de consultas: o arquivo pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente. In: Travancas, Isabel; Rouchou, Joëlle; Heyman, Luciana (org.). *Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p.131-163.

O GRUPAMENTO FEMININO de enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a 2ª Guerra Mundial: uma abordagem sob o olhar fotográfico, 1942-1945. Direção: Margarida Maria Rocha Bernardes. Brasil: Margarida Bernardes/Centro de Comunicação Social do Exército, 2004. (20min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dv4-ZAkj07Y>. Acesso em: 15 set. 2020.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra: o processo de reinclusão no Serviço Militar Ativo do Exército (1945-1957)*. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Signos do esquecimento: os efeitos simbólicos da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial (1943-1945)*. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. Memórias reveladas: discursos de enfermeiras veteranas sobre a sua luta por reinclusão no campo militar. *Texto e Contexto Enfermagem*, v.26, n.3, e2720016, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000300326&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 jul. 2020.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de et al. As enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira e a divulgação de seu retorno ao lar. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v.17, n.6, p.1050-1056, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_

arttext&pid=S0104-11692009000600019&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jul. 2020.

PERROT, Michele. *Os excluídos da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru: Edusc, 2016.

QUE FALTA *que me fez*. Direção: Daniel Mata Roque. Rio de Janeiro: Pátria Filmes, 2014. (28min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=FNEq3_U-6Cs. Acesso em: 15 set. 2020.

ROQUE, Daniel Mata et al. (org.). *Práticas e representações fotográficas do Serviço de Saúde*

brasileiro na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2019.

VIRGÍNIA MARIA Niemeyer Portocarrero, *enfermeira da FEB na Itália*. Direção: Febo Aliado. Brasil: Pátria Filmes, 2013. (1min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=MlAKNs_s44g. Acesso em: 15 set. 2020.

VIRGÍNIA: *uma enfermeira brasileira na II Guerra Mundial*. Direção: Alexandre Barbosa de Oliveira et al. Brasil: Produtora: Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Saúde em Emergências e Desastres/UFRJ, 2018. (16 min) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4Sj1q2y09Gc>. Acesso em: 15 set. 2020.

